



Recuerdos de mis manos

Jorge Cardozo

Poeta, contista e produtor cultural. Coordenador do Encontro de Avobais e Outros Seres Poéticos, publicou, em 2023, o livro de poemas Ave da periferia, pela editora Patuá.

Será que nunca faremos senão confirmar
A incompetência da América católica
Que sempre precisará de ridículos tiranos
Será, será, que será?

Podres Poderes, Caetano Veloso.

Nunca soube o que fazer com as mãos. Por isso fumava durante o dia. À noite cruzava-as sobre o peito. Dormia feito um morto. As longas pernas esticadas. A barriga pouco proeminente, apesar da idade, subia e descia, conforme praticava a respiração abdominal, à qual se acostumara desde os tempos de ioga. Acordava invariavelmente com a mão direita segurando o pau. Era destro. A esquerda sem ter onde se fixar, ficava perdida entre os lençóis. Ou jazia dormente sob a nuca. A esposa de vez em quando lhe dizia: larga isso que caralho não voa, só vi com asas no filme *Os Sete Gatinhos*, do Nelson Rodrigues. Ela sempre confundia os autores com os diretores dos filmes. Possuía uma memória privilegiada para guardar cenas e falas de personagens. Por essa e por outras qualidades ele a admirava. Quando eram mais jovens, menos sérios e mais afeitos à paixão física, ela uma manhã ou outra, puxava a sua mão. Deixa que eu seguro – dizia, com a voz ainda morna de sono. Era a senha para fazerem amor, enquanto os primeiros raios de sol atravessavam o vidro fosco e as brechas da cortina improvisada de organdi.

Tudo isso voltava de repente junto com o cheiro de frango cozendo na panela de ferro, com batatas e temperos vários. Mais a memória do filho pequeno – seus gestos, seus gostos, suas febres. Hoje engenheiro de uma multinacional, a consertar fornos das indústrias de cerâmica em cidades de nomes impronunciáveis.

Sobre as mãos lembrava ainda da época em que estava concluindo seu mestrado em Sociologia do Trabalho, mais uma vez não sabia onde as colocar. Por isso, na apresentação de sua dissertação, usou uma pequena lanterna de laser, com a qual apontava nos slides projetados os pontos que supostamente queria destacar. Foi elogiado pela banca examinadora. Passou com louvor e um indicativo para publicação. Seu livro não fez sucesso. Vendeu pouco mais de trezentos exemplares. Amigos, curiosos, um certo pessoal do meio acadêmico que ainda não estava viciado em baixar os textos da internet.

Entretanto, o livreto lhe abriu as portas da universidade. Foi convidado a lecionar como professor-assistente em uma conceituada faculdade. O regime era de contrato até que fizesse o concurso que lhe garantiria o cargo efetivo. Integrou-se rapidamente a um grupo de professores que buscavam maior aproximação entre a academia e a sociedade. O prédio onde trabalhava ficava numa área de concentração de favelas. Comunidades, como se dizia então. Começaram um trabalho com os jovens do entorno. Arte, literatura, política, autorreconhecimento eram os temas que debatiam. Utilizavam técnicas de Boal, Paulo Freire e os conceitos de Galeano, Darci Ribeiro e Milton Santos.

Liam e interpretavam as histórias e os poemas de García Márquez, Isabel Allende, Pablo Neruda, Mário Benedetti, Jorge Amado, Drummond e Gabriela Mistral.

Alugou uma casa de vila quase na entrada da favela. Era uma moradia aberta. Recebia artistas, intelectuais, pessoas da comunidade, estudantes. Sua esposa, professora de educação física, vinha às sextas, dia em que tinha folga na escola estadual na qual lecionava, ficava até domingo ou segunda. Tudo estava bem.

De repente, sem nenhum anúncio – pelo menos para ele assim pareceu – eclode o golpe no país. Censura, liberdades civis suspensas, fim dos direitos de reunião e de opinião. Como não percebia problemas no que fazia, continuou fazendo o que sabia e o que era pago para fazer. Alguns colegas tentaram alertá-lo. Não é mais época disso. Atenha-se às aulas. Vá embora. Ele não lhes deu a menor atenção.



Sobre as mãos lembrava ainda que no ato de sua prisão, perguntaram-lhe se era comunista. *Não, sou professor e poeta.* Riram dele. Poeta? Que porra é essa? *Sou escritor* – explicou. Ah, nós temos o remédio certo pra essa doença – disse o rapaz de olhos verdes que preenchia uma papeleta com os seus dados.

Pablo Miguel Esquivel, o professor vermelho ou El Rojo (como o chamaram os jornais, que publicaram ter sido preso o mentor intelectual dos terroristas, dos que combatiam o governo legalmente constituído) olhou para suas mãos destruídas a marteladas. Segurou com os antebraços o pedaço de carvão que conseguira com um guarda em troca de cigarros e escreveu na parede de sua cela: *nunca soube o que fazer com as mãos.*